

Latinos temem quebra da economia mundial

Mar Del Plata, Argentina —

As primeiras reações desfavoráveis e extra-oficiais manifestadas nos meios financeiros internacionais sobre o "Comunicado de Mar Del Plata", assinado pelo Brasil e outros 10 países latino-americanos, demonstram a unidade do Grupo de Cartagena e deixam as nações industrializadas numa encruzilhada diante do convite a um "diálogo político direto" no primeiro semestre de 1985 para solucionar seu grave endividamento externo. Os países latinos admitem para o risco de uma quebra fiscal do sistema financeiro internacional.

Fontes do encontro mantido em Mar Del Plata pelo Grupo de Cartagena e analistas da reunião consideram que a questão está fechada no que se refere a uma negociação conjunta dos devedores para evitar um desastre financeiro a nível mundial. Chanceleres e ministros de economia do Grupo destacaram "a necessidade do diálogo como fator de

entendimento" e concluíram que a reunião de credores e devedores "é imprescindível para conseguir a plena compreensão do problema e obter esse entendimento".

Uma advertência ficou clara no comunicado: "A ausência de diálogo impedirá que se ative a cooperação necessária entre as partes para resolver a crise conjuntamente". Aparentemente, o Grupo conta com o apoio de "alguns aliados" europeus, cujos Governos estariam dispostos a discutir melhores formas de financiamento de empréstimos e dívidas. Segundo membros de uma delegação sul-americana, a Alemanha Ocidental, França, Itália e Espanha se perfilariam junto aos subdesenvolvidos.

O grupo de Cartagena considera que a "maturidade" e a "seriedade" demonstradas pelos países endividados está fora de qualquer discussão e, conseqüentemente, reivindicam um tratamento de acordo com todas as suas realidades.

Os ministros latino-americanos elogiaram os sucessos conseguidos pelo México em suas negociações bilaterais mas consideram de fundamental importância prosseguir a busca de "soluções adequadas e permanentes para o conjunto dos problemas" da dívida externa.

Destacaram também "preocupação" com a "perda do sentido de urgência" dos países industrializados sobre a solução da crise enquanto "se agrava o empobrecimento" entre os subdesenvolvidos. As taxas de juros em seus níveis adequados foram consideradas negativas e de conseqüências sérias para as duas partes, junto com as tendências protecionistas e outras medidas restritivas.

A assembléia anual do Fundo Monetário Internacional-Banco Mundial, prevista para o final deste mês nos Estados Unidos, e outros foros internacionais, receberão desde já "a coordenação" estabelecida pelo Grupo de Cartagena na

reunião de Mar Del Plata. Entre as advertências e comprovações feitas pelos latino-americanos inclui uma certa recuperação econômica de alguns países desenvolvidos que, ao não redistribuí-la, ameaçam precipitar uma "crise internacional cujas proporções, profundidade e conseqüências não se podem prever".

Nos corredores da conferência ouvia-se depois do encerramento do encontro, que a América Latina não criou o temido "clube de devedores" disposto a não pagar, mas se uniu num firme consenso decidido a negociar, uma posição talvez mais difícil de se quebrar e menos ameaçante para o sistema financeiro internacional.

Na quinta-feira, em seu discurso ao inaugurar o evento em nível ministerial, o presidente da Argentina, Raul Alfonsín, exortou a realização de "um diálogo que não significa romper as negociações individuais de nossos países".